

**HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DE UM “MUSEU LOCAL”:
O MUSEU HISTÓRICO E PEDAGÓGICO DE OURINHOS¹**

Fabiana LOPES DA CUNHA*.

Resumo: O objetivo de nosso artigo é buscar através da discussão da criação, história e funcionamento de um museu em particular, o Museu Histórico e Pedagógico de Ourinhos, fazer uma análise mais ampla sobre os museus municipais. Para isso buscamos fazer uma reflexão sobre os objetivos iniciais destas instituições, sua relação e diálogo com a comunidade onde estão inseridos, tanto no passado como no presente e os problemas que estas instituições enfrentam nos dias atuais.

Palavras-Chave: Museu- História- Ourinhos

**STORIES AND MEMORIES OF A “LOCAL MUSEUM”:
THE HISTORICAL AND PEDAGOGICAL MUSEUM OF OURINHOS**

Abstract: The purpose of our article is to seek, through a discussion about the creation, history and operation of a particular museum, the Historical and Pedagogical Museum of Ourinhos, to make a broader analysis of municipal museums. For such, we sought to contemplate the initial goals of these institutions, their relationship and exchange of ideas with the communities in which they are embedded, both in the past and in the present time, and the problems which these institutions are currently facing.

Key words: Museum- History- Ourinhos

Os museus são casas que guardam e apresentam sonhos, sentimentos, pensamentos e intuições que ganham corpo através de imagens, cores, sons e formas. Os museus são pontes, portas e janelas que ligam e desligam mundos, tempos, culturas e pessoas diferentes.
Os museus são conceitos e práticas em metamorfose.²

Esta definição de museu descrita através do site do Sistema Brasileiro de Museus, criado em 2004 através de um decreto, denota grandes mudanças com relação ao papel que o museu deva ter com a comunidade. Estas, fruto de anos de

* Fabiana Lopes da Cunha é Professora Assistente Doutora da UNESP/ Campus Experimental de Ourinhos/SP - Brasil. E-mail: mosartfaci@uol.com.br.

reflexão e discussão, são evidenciadas em inúmeros documentos produzidos no âmbito do ICOM. Toda essa discussão produzida por estudiosos do assunto acabou gestando uma “nova museologia”, termo utilizado para denominar um novo modelo metodológico que busca uma integração entre patrimônio cultural e sociedade. “Nesse modelo, o público é agente das ações de preservação e comunicação patrimonial e o processo é tomado como educacional, por ser transformador”.³ No entanto, cabe ressaltar aqui que se hoje há uma preocupação muito grande por parte dos profissionais atrelados a esta área em dialogar com a comunidade onde o museu está instaurado e com o público que visita estas instituições, principalmente por conta de uma revisão gestada pelo que ficou conhecido entre os estudiosos e profissionais relacionados à estas instituições como “crise dos museus”, é importante ressaltar que estas instituições nasceram com objetivos políticos claramente definidos, vinculados à preocupação em construir uma memória que criasse uma identidade histórica e política muito bem delineadas pela elite dirigente do período. A criação dos “museus locais”⁴ entre as décadas de 50 e 70 teve como objetivo central, segundo Simona Misan⁵, fazer frente ao fortalecimento do governo federal durante o Estado Novo. Para buscar responder e identificar a estratégia de implementação destes museus, Misan utilizou como ponto de partida o lema proposto pelo seu criador, Vinício Stein: “preservar a história da cidade e do patrono”.⁶

A criação de 79 museus em diferentes cidades do interior do estado de São Paulo num período de quase vinte anos, permitiu ao governo estadual,

afirmar-se no campo da cultura e da educação de modo hegemônico, relegando ao município a cessão do imóvel, o deslocamento de professores da rede pública para a direção dos museus, e o auxílio na coleta e no armazenamento do acervo.⁷

Segundo a mesma autora, ao impor-se na criação, organização e gestão destas instituições, o governo estadual pôde fixar um determinado ponto de vista sobre a história do estado de São Paulo, possibilitando inclusive, deixar de lado outros focos importantes, como a história da própria cidade em que o museu havia sido instaurado.

Os quatro primeiros museus foram instalados em 1956 nas cidades de Piracicaba, Campinas, Guaratinguetá e Batatais, por Sólon Borges dos Reis, então Diretor Geral do Departamento de Educação da Secretaria de Estado dos Negócios da

Educação, e tinham como grande objetivo funcionarem como “centros de memória e de pesquisa acerca da vida dos quatro presidentes republicanos oriundos do estado de São Paulo.”⁸ Com o afastamento em 1957 de Borges dos Reis, esta empreitada é assumida por Vinício Stein Campos, que assume a direção do Serviço de Museus Históricos. Assim que toma posse do cargo, Stein redige um documento regulamentando os museus e propõe a criação de mais cinco destas instituições, nas cidades de Capivari, Santos, Pindamonhangaba, Sorocaba e Porto Feliz. No ano seguinte, através de um decreto, Sólon Borges dos Reis cria o Museu Histórico e Pedagógico Visconde de Taunay e Affonso de Taunay em Casa Branca, sua cidade natal. No mesmo ano, Vinício Stein cria mais dezenove museus, também através de decreto, formando um total de vinte e seis instituições que ele divide em três períodos históricos diferentes dentro da História do Brasil: o Colonial, o Monárquico e o Republicano. Dentre estes vinte e seis museus, três acabarão tendo outra denominação, o de folclórico e religioso. São estes os que pertencem às cidades de Tietê, Taubaté e Itu. No entanto, o maior número de museus deste tipo foi criado nos quinze anos seguintes: mais cinqüenta museus dentro do estado de São Paulo. Foi neste período, que o Museu Histórico e Pedagógico “Antônio Carlos de Abreu Sodré” foi criado em Ourinhos, também através de um decreto, o de no. 52.034, de 12 de junho de 1969. Tal documento, lavrado pelo vice-governador Hilário Torloni, em exercício do cargo de governador, ressalta a importância desta instituição com relação ao aprimoramento das atividades culturais do Estado de São Paulo.

Considerando que o município de Ourinhos, pela sua tradição e passado histórico, justifica a criação e instalação de um Museu Histórico e Pedagógico;
Considerando, finalmente, que entre as figuras a serem cultuadas nos museus, como patronos de suas atividades educacionais e cívicas, e da mesma forma, criadoras da homenagem pública, pela maneira abnegada sincera e combativa com que serviram a pátria, sobressai o nome de Antônio Carlos de Abreu Sodré. [...] ⁹

A escolha destas cidades como sede destes museus, segundo Misan, não teria sido aleatória, mas parte de um projeto que buscava entrelaçar os museus e a cartografia histórica do estado de São Paulo, já que ao percorrer este trajeto estaríamos refazendo parte do caminho das Bandeiras,

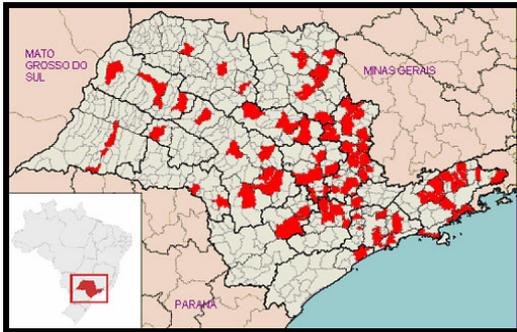
as passagens de D. Pedro I, de D. Pedro II, a proliferação de grupos escolares, os importantes encontros políticos e convenções que antecederam a República, as cidades-sede dos institutos histórico e geográficos e do Partido Republicano Paulista, os focos de resistência da Revolução Constitucionalista de 1932 e, por fim, o avanço da economia agropecuária e industrial.¹⁰

Outro ponto a ser ressaltado é que, apesar da máxima de Vinício Stein citada acima, a respeito da relação entre a preservação da história municipal através da memória da cidade e de seu patrono, veremos adiante que este político não teve grande relevância para a história do município de Ourinhos e nem mesmo era originário da cidade. Para compreendermos o que ocorreu, a situação atual em que o museu se encontra e sua relação com a cidade, investigamos a história desta instituição através de documentos e ofícios que ainda são preservados no Museu Histórico de Ourinhos, de jornais locais do período e também através de entrevistas com um morador antigo da cidade, professor de história e memorialista e que vivenciou com grande proximidade estes acontecimentos.

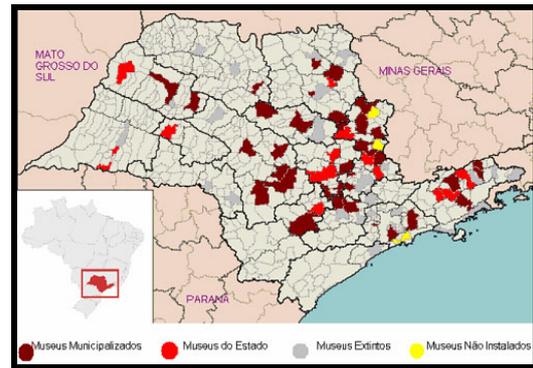
Os Dois Museus e a Remodelação e Criação do Conjunto Benedito da Silva Eloy

Os Museus Locais no Estado de São Paulo, como assim designa Elisio Zanotti, descenderiam dos antigos (e atuais) Museus Histórico e Pedagógicos criados pelo governo estadual entre os anos de 1956 e 1973.

Analisando os mapas onde este estudioso aponta para as 79 instituições deste tipo, instauradas no transcorrer de quase duas décadas, podemos vislumbrar que o Museu de Ourinhos é apontado no mapa como extinto, afirmação que gostaríamos de fazer uma breve correção. Esta instituição teve realmente suas atividades encerradas provavelmente entre o final da década de 70 e início da de 80¹¹, mas voltou a funcionar na década de 90, sob o comando da Secretaria Municipal de Cultura de Ourinhos em parceria com a Prefeitura Municipal do município em questão.



Distribuição de 79 dos Museus Históricos e Pedagógicos no Estado de São Paulo.¹²



Municipalização dos Museus Histórico e Pedagógicos¹³

Esses museus tiveram sucesso durante certo período porque contaram com ampla participação das comunidades locais, que através de doação de peças e documentos contribuíram para o enriquecimento do acervo destas instituições. Outra colaboração muito importante foi a dos professores de História que lecionavam na Rede Pública Estadual, “que eram deslocados de suas atribuições em sala-de-aula para dirigi-los e para tanto deveriam cursar previamente os “Cursos de Museologia”, que consistiam em várias palestras ministradas a todos estes professores, em geral, reunidos em salas de cinema ou de teatro. “Desde 1962, quando foi realizado o primeiro curso na capital até 1973 foram realizados 134 cursos de Museologia em 93 municípios do Interior que atendeu a 52.296 professores interessados”.¹⁴



Curso de Museologia em Andradina (1970)¹⁵

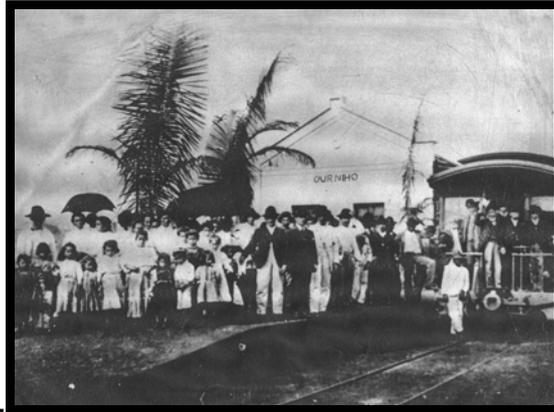
A criação destas instituições foi até 1968, de responsabilidade da Secretaria de Estado dos Negócios da Educação pelo Serviço de Museus Paulistas. A partir deste mesmo ano, quem toma a frente do processo é a recém criada Secretaria de Cultura, Esportes e Turismo. Muitas destas instituições, no final dos anos 70 começaram a dar sinais de problemas na administração. Este é também o caso de Ourinhos, como já citamos acima. Na década de 90, estas instituições passam para a tutela do

Departamento de Museus e Arquivos da Secretaria da Cultura, que dá início ao processo de municipalização destes museus. Este também será o caso do Museu Histórico e Pedagógico de Ourinhos, que tem sua reinauguração realizada em 1993, no governo do Prefeito Claury Santos Alves da Silva e da secretária da cultura, Neusa Fleury. A reativação do museu contou com a criação de uma lei municipal que estipulava a missão da instituição, seus objetivos e as duas fases em que o processo de instauração se completaria. Tal projeto contou, ao menos em parte, com assessoria especializada - pois nos documentos que averiguamos, o uso de certos termos (como objetos tridimensionais, por exemplo), que são somente usados por técnicos especializados em museus, são muito utilizados.



A primeira Estação Ferroviária e o depósito de cargas e mercadorias¹⁶

Este prédio, onde anteriormente teria funcionado um dos terminais de carga e depósito de mercadorias da antiga FEPASA e era anexo ao edifício que comportou até 1926 a estação ferroviária, ano em que termina a construção da nova estação da cidade, mais elegante e de alvenaria, acabou se tornando o local onde, desde 1996, o Museu Histórico de Ourinhos abriga o seu acervo tridimensional. A escolha não foi aleatória, já que a história do município está intimamente vinculada à chegada da ferrovia no local, em 1908, quando o nome da cidade ainda era Ourinho, como pode se observar pela foto abaixo:

Foto da primeira estação de 1908¹⁷

Esta fachada de concreto, é parte do edifício de madeira que hoje abriga o Núcleo de Arte Popular. Em 1908, o terminal de cargas ainda não havia sido construído, pois isso somente ocorre com a construção da segunda estação, em 1926. Esta funcionaria até 1969, quando é erigida uma nova estação, no mesmo local da anterior, no entanto, seu padrão arquitetônico era completamente diferente. Esta funcionou até o início da década de oitenta quando houve a privatização da RFFSA, e a maior parte dos ramais que ligavam a cidade aos principais municípios do Paraná, encerrarem suas atividades.

Foto do arquivo de Jundiáí¹⁸Foto de 2002¹⁹

Em 1997, como parte do projeto de revitalização e restauração do espaço ao redor da estação ferroviária e da instalação do novo museu, uma locomotiva a vapor com um vagão de passageiros de madeira, totalmente remodelado, passou a trilhar um pequeno trecho da ferrovia para fins turísticos. Tais passeios, no entanto, tiveram uma curta duração.²⁰

Em 16 de janeiro de 1999 a estação deixou definitivamente de conduzir passageiros, apesar de ainda haver atividade entre os trechos de Rubião Júnior e

Presidente Epitácio por conta das atividades da ALL, que utiliza seus ramais para transportar mercadorias até o Paraná.

Mas, voltemos ao projeto de remodelação do entorno da estação, afinal, este teve também uma preocupação em recuperar o patrimônio histórico e arquitetônico relacionado à ferrovia. Desta forma, a partir de 1995, a Prefeitura Municipal em parceria com a Secretaria de Cultura inicia em 1995 um amplo e detalhado processo de restauração não apenas do prédio da antiga Estação Ferroviária e do terminal de cargas, mas também de algumas casas onde os ferroviários habitavam e que ficavam localizadas em frente à estação.

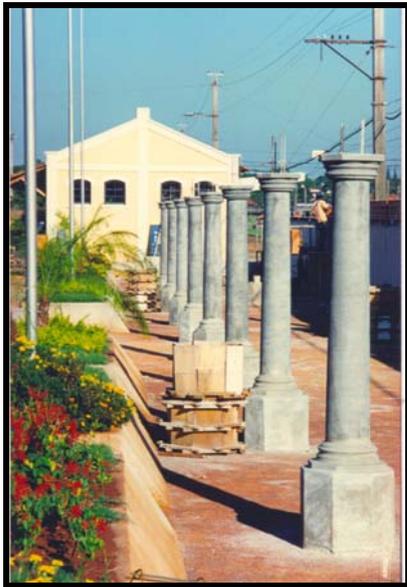
Durante as reformas (com exceção da retirada das portas de madeira originais do terminal de carga) podemos perceber uma grande preocupação com esta remodelação e posterior ocupação destes prédios. É possível observar estes cuidados através dos detalhes do projeto, pois este possuía inúmeros dados e sugestões sobre o tipo de poste e iluminação(que será subterrânea) que deveriam ser usados, qual bebedouro a ser instalado ali, que tipo de vegetação e flores iriam fazer parte do projeto paisagístico, os modelos de bancos e de lixeiras e até qual deveria ser a aparência do lanchódromo. Quase tudo foi colocado em prática, com exceção do lanchódromo.

Este deveria ser totalmente diferente da aparência atual e possuiria o sugestivo nome de Estação da Alimentação. O telhado deveria acompanhar o do edifício vizinho, que abrigaria o novo museu, jardineiras em alvenaria de tijolo à vista para separar os boxes, os tijolos que serviriam de forração do piso deveriam ser lixados e siliconizados como no início do século XX, a iluminação deveria substituir as calhas que existiam por lâmpadas LDE-HO,

em duas carreiras, sendo a primeira dentro de caixa de cantoneiras de ferro e frontalmente fechadas, com chapas galvanizadas, pintadas na cor do Box, acopladas a este. A segunda carreira se situaria no centro do forro em toda a sua extensão e sua fixação será apenas por braçadeiras, se caixas ou calhas”²¹

O projeto artístico elaborado por Gilberto de Albuquerque Mello Prates previa que cada box de lanche possuísse uma fachada imitando um vagão restaurante de trem, com cores pastéis, do início do século XX (por volta de 1907, período em que a ferrovia chega a Ourinhos). Após o 10º. Vagão, próximo do prédio do museu, o artista

pintaria na parede erguida ao lado do lanchódromo, uma locomotiva a vapor com um vagão alimentador , atrás desta pintura e da parede seriam construídos os banheiros masculino, feminino e infantil e teriam rampas de acesso a deficientes físicos. Cada dono do box deveria arcar com as despesas para transformar seu novo negócio num protótipo de vagão restaurante da década de dez e vinte do século passado. No entanto, o que deveria ser um projeto interessante acabou se transformando, posteriormente, em algo que nos remete, ao menos longinquamente, à arquitetura clássica.

Início da construção do lanchódromo²².Lanchódromo²³.

Quanto às casas que serviram de moradia aos trabalhadores da ferrovia e seus familiares durante décadas, estas foram restauradas e seus quintais acabaram se transformando em uma rua, como podemos observar pelas fotos abaixo:

Abertura da rua atrás das casas²⁴Rua já asfaltada.²⁵



O Conjunto Benedito da Silva Eloy.²⁶

Apesar de ainda ser extremamente bonito e harmonioso, até 2008, quando a Secretaria de Cultura do município empreendeu um breve reforma no conjunto de casas, estas encontravam-se em processo de degradação. Ao longo dos anos, desde a implementação desta remodelação destas antigas residências, algumas casas sofreram modificações sem nenhum critério ou preocupação com a manutenção de suas características originais. Assim, abriram-se portas, retiraram pisos e recortaram paredes para o encaixe de aparelhos de ar-condicionado. Em outras arrancaram a pia e inseriram outra menor e que ficou anos sem ser fixada devidamente. Paredes e pisos sofreram com a chuva e a umidade e parte deles estavam repletos de mofo ou apodrecendo. Enfim, o que pudemos perceber é que durante anos, a manutenção periódica destes imóveis foi deixada de lado e sem a devida fiscalização. As casas ainda hoje, durante a noite, servem para os que saem do terminal de ônibus ou aos freqüentadores do lanchódromo e outros transeuntes descarregarem suas necessidades. Aliás, apesar de existir um banheiro público ao lado do lanchódromo, muitos usaram o bebedouro para urinar, o que acabou por deteriorá-lo por completo.

Todas estas ações ocorrem porque além de não haver uma ação educativa e de conscientização de que este espaço é um patrimônio histórico, arquitetônico e cultural importante do município, grande parte da comunidade não se identifica com ele e nem com o museu. Isto acaba inviabilizando a implementação, na prática, do decreto no. 4316 de 17 de julho de 1996, onde são explicitadas as regras de ocupação e de conduta em relação a este conjunto patrimonial. Mas, obviamente, existem alguns motivos para que isto não ocorra, e estes podem ser melhor compreendidos quando olhamos mais de perto a história deste museu.

O Museu de Ourinhos

A história do museu de Ourinhos tem pelo menos dois grandes marcos: sua fundação que foi oficializada pelo decreto no. 52.032 de 12 de junho de 1969²⁷ que previa a instalação com o nome de Museu Histórico e Pedagógico “Antônio Carlos de Abreu Sodré” e, sua reabertura em 1993, como Museu Histórico e Pedagógico de Ourinhos. É importante ressaltar, que o segundo museu, apesar de ter sido aberto provisoriamente na Biblioteca da Vila Margarida em 1993, foi oficialmente criado apenas dois anos depois, através da lei municipal de no. 3.845 de 09 de junho de 1995, pelo prefeito em exercício na época, o Sr. Claury Santos Alves.²⁸

Durante o processo de criação do primeiro museu, pudemos averiguar em documentação da Prefeitura Municipal de Ourinhos, sob a guarda do MHPO, a preocupação em se instalar também na cidade uma Casa de Cultura. Tal solicitação teria sido encaminhada pelo Prefeito Dr. Mithuo Minami através do ofício no. 190 ainda em 5 de maio de 1969.²⁹

A instalação e funcionamento do museu foi prevista junto à Biblioteca Municipal e à Inspeção de Educação Física, que na época ficariam sob a responsabilidade da Casa de Cultura.

Apesar de o decreto ser de 1969, segundo documentação oficial, o novo museu somente foi instalado em 6 de março de 1971, com o intuito de promover a “reconstituição histórica do município e para abrigar um centro de pesquisas e estudos do período relativo à Constituinte de 1946”.³⁰ Concomitantemente a estas atividades a instituição deveria se destinar “ao estudo da vida e da obra do dr. Antônio Carlos de Abreu Sodré. Para isso, a direção do museu deveria reunir documentação das suas “lutas em prol da autenticidade democrática e do seu idealismo cívico em favor de São Paulo e do Brasil”.³¹ É curioso observar que o governador de São Paulo no período era Roberto Costa de Abreu Sodré, primeiro governador a ser eleito indiretamente (1967-1971) durante o período do regime militar e irmão do patrono do museu. Segundo o professor de história e memorialista, Norival Vieira da Silva, a indicação do nome teria sido uma obra sua, pois ele conhecia e nutria grande amizade não apenas por Antônio Carlos, mas por toda a família Abreu Sodré, que seriam de Santa Cruz do Rio Pardo, cidade vizinha à Ourinhos e terra onde também nasceu o professor. Na época Antônio Carlos Abreu Sodré era secretário do turismo do governador Carvalho Pinto. Sua carreira política foi de certa forma interrompida quando Getúlio Vargas instaurou a ditadura estadonovista e impossibilitou a ocorrência de eleições. Ao que

tudo indicava, Antônio Carlos tinha grandes possibilidades de se tornar o governador de São Paulo, pois em 1937 era secretário de Armando Salles de Oliveira, que apoiava sua candidatura a este posto de comando.³² Apesar de continuar na política, sua carreira não teve grande destaque, tanto que houve muita dificuldade no período em conseguir dados biográficos sobre o patrono do museu. Aliás, pelo que pesquisamos, há uma cobrança contínua de Vinício Stein para que o diretor do museu investigue a relevância do patrono para a história da cidade. O que acabou nunca acontecendo. A única coisa que lembrava ao ourinhense que o patrono do museu era o Sr. Antônio Carlos de Abreu Sodré, era um quadro que encomendaram para homenageá-lo, depois de muita insistência do Sr. Stein.³³

Segundo consta no mesmo documento, o museu teria recebido uma “preciosa coleção de relíquias da colonização nipônica”, ofertada pelo “Prof Vinício Stein Campos”, Diretor da Seção de Museus Históricos e Pedagógicos.³⁴ Apesar de ser comum este gesto pelo Sr. Stein, que tinha uma conotação simbólica, mas também o intuito de estimular a comunidade a fazer o mesmo, contribuindo com doações de objetos e documentos para enriquecer o acervo dos museus locais, o mais comum era ele doar cédulas antigas, que pelo que afirma Misan, era uma de suas paixões³⁵. Acreditamos que esta doação muito peculiar deve ter ocorrido porque o prefeito da cidade de Ourinhos, neste período, Mithuo Minami, era filho de japoneses. Além disso, os nipônicos e seus descendentes tiveram um papel muito importante não apenas na política local, mas também no comércio, na agricultura e claro, na história da cidade.³⁶

No início de sua trajetória, o museu, que oficialmente foi fundado em 1969, estaria ainda em outubro de 1970 fechado, pois a requisição junto à Secretaria de Cultura, Esportes e Turismo reclama da necessidade e morosidade na aquisição de mobiliário, bibliografia e de um retrato do patrono para a exposição na instituição.³⁷

Desta forma, a inauguração acaba sendo marcada para o ano seguinte, mais especificamente no dia 6 de março de 1971. Antes mesmo de sua inauguração, podemos avaliar, através de um documento enviado pelo Diretor de Serviços de Museus Históricos e Pedagógicos, o Sr. Vinício Stein, reclamando à encarregada do museu, a professora Amália Gama Garcia, mais agilidade em seu trabalho. Isto porque, apesar do museu necessitar de inúmeras ações, o que tomaria um grande tempo da professora, esta ainda não havia se manifestado sobre as necessidades, condições e ações que viabilizassem o bom funcionamento da instituição. Ele explicita então, sobre a necessidade de se reexaminar a pessoa que deveria ser encarregada

do museu, pois esta deveria estar presente todos os dias, durante um período mínimo de 4 horas. No restante do tempo esta, deveria

visitar as famílias em condições de doar peças, documentos e relíquias, estudar as necessidades do museu no que tange a material de exposição (vitrinas, consolos, cantoneiras, etc.), coletar retratos, documentos, objetos, tudo quanto se refira à história de Ourinhos, seus moradores, relação dos prefeitos e vereadores, retratos e biografias, coleção de jornais.³⁸

Afirma ainda que por conta de tamanha carga de trabalho, era preciso que este fosse iniciado de imediato. Solicita ainda que a encarregada deveria fazer uma viagem a São Manoel, onde em 4 meses, um professor conseguiu montar um museu de excelente qualidade. O diretor termina seu ofício reclamando o não recebimento de informações até aquela data, do que estava sendo feito ou desenvolvido, sobre os materiais recebidos, os problemas que precisavam ser resolvidos para o bom funcionamento da repartição. Veremos que tais reclamações serão uma constante no que se refere a esta profissional. Os relatórios de Amália são sempre vagos e redigidos apenas após a emissão de um ofício de cobranças feitas pelo diretor da seção de museus.³⁹

Ainda neste ano é formado o Conselho Administrativo Municipal do Museu Histórico e Pedagógico “Dr. Antônio Carlos de Abreu Sodré”, onde são nomeados para compô-lo, o Prof. Norival Vieira da Silva, Prof. Hélio Mano, Prof. Homero Taveiras, Antônio Luiz Ferreira, Antônio Abrão Abdu, Mário Aluísio Viana Egreja e Jorge de Barros Carvalho.⁴⁰ No entanto, dois anos antes, o jornal *O Progresso* já anunciava a Comissão Central que deveria compor a administração e fiscalização do museu:

- 1) Conselho Municipal de Turismo - presidência do Sr. Mário Aluísio Ferraz Egreja
- 2) Diretoria do Museu - Prof. Norival Vieira da Silva (presidente)
- 3) Comissão de Publicidade - todos os jornais da cidade e correspondentes de jornais da capital
- 4) Comissão para coleta de material indígena
- 5) Comissão para coleta de material da Revolução de 32
- 6) Comissão para coleta de material sobre os expedicionários
- 7) Comissão para coleta de fotos e documentos de Ourinhos

- 8) Comissão para coleta de armas antigas
- 9) Comissão de numismática
- 10) Comissão para levantamento histórico das cidades da região, a partir de Campos Novos Paulista
- 11) Comissão Antônio Carlos de Abreu Sodré- patrono do museu⁴¹

Esta comissão demonstra não somente quais as temáticas que consideravam imprescindíveis para coleta de material para o acervo e que deveriam compor a coleção do museu, mas também o objetivo do museu em atrair os visitantes que viriam de outras cidades, afinal, dos conselhos municipais, o único que fazia parte deste grupo era o de turismo. Outro fato importante a ser observado é que excetuando-se o nome do presidente do Conselho Municipal de Turismo e o do diretor do museu, o texto não mencionava nenhum nome para as comissões recém-formadas. Tal fato aliado ao de que o professor Norival jamais foi comunicado sobre este cargo, segundo relato do próprio professor e comprovado através da leitura de outros jornais e documentos, denota que havia certa pressão e urgência em listar e propalar nomes que comporiam este conselho, assim como a indicação do diretor, e que quem escreveu o texto acreditava que os indicados aceitariam tal incumbência. No caso do professor Norival, sua intensa participação na construção do museu, inclusive incentivando a promoção de uma gincana para arrecadação de objetos e documentos para o acervo deste, denotava o interesse e envolvimento dele na recém-criada instituição.⁴²

Outro dado interessante destes documentos e que comprovam o interesse em estimular a população a doar objetos à instituição, é o fato do Serviço de Museus Históricos efetuar doações de peças ao museu, como um conjunto de seis revólveres de fabricação francesa “St. Etienne” utilizados pela Força Pública do Estado e uma ogiva de granada de avião , ambos utilizados durante a Revolução de 1932. Estas doações reforçam uma das razões da escolha de Ourinhos como sede de um destes museus: o de ter sido uma cidade importante na resistência contra o governo federal durante a Revolução de 32.

Além disso, podemos perceber a importância que era dada a estas instituições por parte do governo do estado e a necessidade de legitimá-la aos olhos da população local, em atos como a concessão de medalha cívica Tenente Luiz Antônio ao então prefeito municipal Mithuo Minam, ou na palestra proferida pelo Diretor do Serviço de Museus, logo após a inauguração do Museu de Ourinhos, anunciada e efetuada com pompa e grande solenidade. Percebemos aqui, juntamente com o relatório anual da

encarregada do museu, que há também uma preocupação em capacitar os responsáveis pelo museu através de cursos de Museologia e da implantação do conceito de Museologia nas escolas e faculdades do município.⁴³ De 1956 a 1964, Stein realizou diversos cursos relacionados a esta área em várias cidades no interior do estado de São Paulo e a participação maciça de professores neles garantiu uma outra função a estes Museus Histórico e Pedagógicos: “a função ‘educadora’ dos museus”.⁴⁴ Segundo Misan, o número de participantes nestes cursos é surpreendente: “Campinas (1956), 89 participantes; Piracicaba (1956),130; Capivari (1957),300; Pindamonhangaba (1957),300; São Carlos (1958),250; Botucatu (1963),400; Araçatuba (1964),976 participantes”.⁴⁵

O investimento nos museus se refletirá na criação do Instituto de Museologia do Estado de São Paulo (IMSP) em 1977, na Fundação Escola de Sociologia e Política do Estado de São Paulo, que teve suas atividades encerradas em 1990, com a morte de sua idealizadora, Waldisa Russo.⁴⁶

Podemos vislumbrar que sob a direção de Stein, o Serviço de Museus era extremamente atuante e buscava uma política homogênea para as diversas instituições espalhadas pelo estado de São Paulo. Isto é reafirmado não apenas pelas inúmeras visitas e palestras proferidas por Stein, mas também pela promoção do *Seminário dos Museus Históricos e Pedagógicos de São Paulo* (que ocorreu nos dias 13 e 14 de junho de 1972) sediados no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, e reuniu 40 representantes dos museus do interior paulista e 2 da capital. Ao mesmo tempo em que vislumbramos uma preocupação em se ter uma política para o bom funcionamento destas instituições, percebe-se também que havia dificuldades em adquirir funcionários para conseguir efetivar tal programa. Isto é demonstrado pelas ações, no ano de 1972, do secretário de transportes do estado de São Paulo, que solicita o deslocamento de alguns funcionários que compunham o quadro especial da então Estrada de Ferro Sorocabana S.A. para museus no interior do estado. No caso de Ourinhos foram solicitados dois funcionários: Antônio de Mello e Benedito Antunes⁴⁷.

O que podemos constatar após um ano de funcionamento efetivo do MHPO é que ele ainda deixava muito a desejar. Segundo um texto do jornal local, a Casa de Cultura - criada para sediar o Museu Histórico e Pedagógico, a Inspeção Regional de Educação Física do Estado e a Biblioteca Municipal, que ainda não havia entrado em funcionamento, o MHPO, após dois anos de sua inauguração, ainda não havia conseguido justificar sua criação, na visão do articulista.

Segundo o mesmo artigo, após quase dois anos depois de ter sido criado por decreto, o museu foi inaugurado com muitos poucos dados históricos sobre o município e sobre seu patrono, do qual a única coisa que havia na instituição era seu retrato.

O museu de então, ocupava na Casa de Cultura apenas duas salas pequenas, o que era suficiente para

guardar todos os objetos conseguidos junto à população: fotografias antigas da cidade, machados e cerâmica indígena, moedas e outras peças- tudo sem muita orientação ao visitante. Uma coleção de 70 moedas, doada pelo professor Vinício Stein Campos, diretor do Serviço de Museus Históricos do Estado é praticamente a única coisa exposta com todos os dados completos.⁴⁸

Tais críticas extrapolam as fronteiras do município e podemos averiguar em documento encaminhado pelo Deputado Antônio Henrique Cunha Bueno , a “indicação ao Executivo que tome providências no sentido de serem incentivados o Museu Histórico e Pedagógico ‘Antônio Carlos de Abreu Sodré’ e a Biblioteca Municipal, instalados na Casa de Cultura de Ourinhos”.⁴⁹

Apesar de sua defesa em relação às atividades relacionadas ao museu e à biblioteca, afirmando ao governo do estado que estas repartições estavam desenvolvendo suas atividades de forma satisfatória, Vinício Stein emite uma circular dando inúmeras instruções sobre a escrituração e as atividades concernentes ao museu no decorrer do ano de 1973. Tais recomendações vão desde a verificação da presença e de férias dos funcionários, passando pela orientação de como deveriam ser os ofícios, como deveriam ser cadastrados os materiais de uso permanente e de consumo, além de uma lista de tarefas que deveriam ser efetuadas na instituição. Estas iam desde sugerir que se criassem atividades pedagógicas que envolvessem pesquisa sobre a história do município, utilizando como estímulo um concurso, em que os melhores trabalhos, julgados por uma comissão, deveriam premiar com grande solenidade os alunos classificados. A proposta segue, propondo a promoção de duas exposições históricas por ano, uma relativa ao patrono e a do dia da cidade; cursos de divulgação do museu; organização da Associação dos Amigos do Museu. Além disso, o museu deveria empenhar-se em recolher documentação sobre a história do município e do enriquecimento do acervo do mesmo.⁵⁰

Além disso, o diretor de Serviços de Museus do Estado de São Paulo também aponta para a necessidade das exposições apresentarem unidade temática e sobriedade, “evitando-se por todos os meios as reuniões disparatadas de peças, acumuladas como em depósitos, tanto pelo número excessivo em pequenos espaços como pela ausência de um roteiro histórico bem definido.”⁵¹ Também ressalta o fato de que, a “Galeria Histórica do Museu não deve cingir-se a retratos dos vultos ilustres do município mas compor-se também de telas, painéis, gravuras, esculturas e peças artísticas ligadas a períodos da vida municipal”.⁵² Stein destaca também a importância do museu manter uma “assídua correspondência com os seus congêneres da rede de museus históricos e pedagógicos, inclusive informando-os de seu horário de funcionamento, acervo recolhido, atividades realizadas e programadas, etc.

Manter correspondência com o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, com o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, com o Museu Histórico Nacional, com o Museu Nacional (Quinta da Boa Vista) e com o Museu Imperial de Petrópolis.

Divulgar, pelos jornais e através dos correspondentes dos matutinos da capital, as atividades do Museu, suas promoções culturais, doações recebidas, visitantes, etc.⁵³

Percebemos através deste documento uma preocupação do Serviço de Museus em ampliar a comunicação e o diálogo interinstitucional com o intuito de se criar uma rede de Museus (ao menos os que estavam sob a égide do Serviço de Museus). Para conseguir elaborar uma avaliação do conjunto destas instituições o diretor, Vinício Stein, passa a entrar em contato direto com todos os encarregados destas instituições municipais, para a elaboração de programação e também para compreender os problemas de cada um. Para tanto, ele convoca todos os encarregados a comparecerem na sede da Diretoria no mês de dezembro de 1972.⁵⁴

Em 7 de março de 1973, é solicitado à Amália Gama Garcia, encarregada do Museu Histórico e Pedagógico de Ourinhos, um levantamento o mais completo possível sobre o patrono do museu. Ao que consta na documentação, havia uma preocupação do governo estadual em fazer um relatório pormenorizado do acervo de cada museu no estado o qual deveria ser encaminhado ao secretário encarregado destas instituições.⁵⁵ Tal solicitação só foi atendida dois anos depois, quando o museu, sob a direção de Pedro Benjamin Vieira, pede à seção de orientação técnica de Museus Históricos Pedagógicos que se faça a pesquisa. Tal pedido é atendido,

segundo nos conta um documento encaminhado pela chefe desta seção, Leonilda Padula, que informa já ter tomado providências a respeito desta pesquisa e de fontes bibliográficas sobre o assunto.

Apesar de tal solicitação demonstrar uma preocupação na regularização e fiscalização dos museus, o que podemos entender por um documento datado de 31 de julho do mesmo ano, através de ofício do Diretor dos Serviços de Museus, é que com a mudança do cargo de chefia do executivo, o funcionamento do museu começa a ter problemas:

Sirvo-me do presente para passar às suas mãos a inclusa cópia do ofício que nesta data estamos enviando à professora encarregada do Museu Histórico de Ourinhos, solicitando ao digno Chefe do Executivo os bons ofícios no sentido de ser normalizado o funcionamento do Museu no que tange às suas relações administrativas com este Serviço.⁵⁶

O documento anexado para ciência do prefeito e da encarregada do museu, Amália Gama Garcia, deixa claro a preocupação do Serviço de Museus Históricos com relação ao funcionamento do museu do município:

O Serviço de Museus Históricos não tem recebido mais, desde o início do ano, nenhuma comunicação sobre as atividades desenvolvidas pelo Museu, as suas promoções culturais, o trabalho de cooperação com as escolas locais no desenvolvimento dos programas de estudo de História do Brasil e de fundo cívico, o estado do acervo, as novas doações recebidas, os índices de freqüência, as publicações do jornal de cidade relacionadas com o Museu, em suma, todas essas iniciativas que concorrem para tornar dinâmica e proveitosa a presença do professor na administração do Museu e o transformam num instituto vivo, atuando vigorosamente no seio da comunidade.

Pelos nossos regulamentos essa correspondência do Museu com a sede é assunto prioritário, pois é assim que a administração central se atualiza com relação às unidades do interior e prepara a programação do Governo para melhor assistência no corrente e nos exercícios futuros. A interrupção desses comunicados regulares pode, inclusive, resultar no corte das remessas de boletins de freqüência, pois a sede fica sem dados para elaborar esses documentos, indispensáveis para o recebimento dos respectivos proventos.

Todos os museus estão atendendo a esse compromisso. Apenas o Museu sob sua administração o não tem feito, o que nos deixa seriamente preocupados, pois não sabemos como se encontra o museu e temos urgente necessidade de saber do estado de seu funcionamento.⁵⁷

A encarregada do museu de então, responde este ofício esclarecendo que suas atividades estariam relacionadas ao Conselho Municipal de Turismo(C.M.T.), presidido por Sérgio Antônio Golin, que tinha como grande preocupação a elaboração de festas. Amália afirma ainda que os preparativos da FAPI (Feira Agropecuária e Industrial de Ourinhos), da festa de Corpus Christi e dos Jogos Regionais eram todos feitos no prédio do museu, intensamente utilizado pelo C.M.T. O envolvimento do museu era tal nestas atividades que a sede dos jogos regionais teriam sido nele. As atividades da instituição teriam assim, sido mais conhecidas, segundo a encarregada, entre os atletas, através de folhetos com a história do município distribuídos pela professora. Ela reconhece que haveria mais dados da história de Ourinhos a ser relatada , mas que para isso precisaria de mais tempo e trabalho, mas afirma, que o museu vinha promovendo e incentivando pesquisas e entrevistas que estavam sendo efetuadas por estudantes, aos antigos moradores da cidade. Ela afirma ainda que estaria preparando um catálogo dos objetos expostos no museu, alertando porém, para o acervo muito restrito e de pouco valor da instituição, devido à grande dificuldade em angariar peças que poderiam enriquecer a coleção.⁵⁸

É interessante observar aqui que o desconhecimento das atividades de um museu e da história e memória do município já se faziam presentes em seus primórdios, pois é um absurdo imaginar atletas dormindo dentro do mesmo recinto em que são abrigados documentos e objetos que poderiam recontar fatos importantes da memória da cidade. Não é por acaso que no decorrer da trajetória deste museu grande parte do acervo desapareceu, levando os doadores a desconfiarem de qualquer campanha ou notícia sobre a revitalização do mesmo. Outro fato é que a estreita relação entre estes museus e o governo estadual era inegável e tinha uma grande conotação política, como podemos observar em telegrama enviado pelo prefeito Mithuo Minami ao Diretor de Serviços de Museus informando a vitória do candidato da Arena, apoiado pelo ex-prefeito, e a relação dos vereadores vitoriosos e a quais partidos pertenciam.

No dia 6 de agosto deste mesmo ano, é enviado um ultimato à administração do museu, ameaçando-a com corte de salários:

Devendo a administração estadual ser continuamente informada do andamento de todos os trabalhos nos Museus Históricos e Pedagógicos, de conformidade com os termos da circular anexa, indistintamente a todos enviada, o Serviço de Museus Históricos espera receber, a contar do corrente mês de agosto e com prazo até todo dia 20 de cada mês, um relato circunstanciado que deverá servir de base para as pesquisas e verificações a cargo da inspetoria do órgão central da administração.

De conformidade com orientação superior, o não atendimento nos prazos acima estabelecidos, importará na sustação da expedição dos boletins de freqüência, além de outras medidas que a Secretaria julgue conveniente adotar.⁵⁹

Sobre este assunto, os documentos encontrados foram apenas estes, mas ao que tudo indica, por um ofício de 1º. de março de 1974, opta-se pela substituição da direção do museu que passa a ser responsabilidade do professor Pedro Benjamin Vieira. Segundo pode-se averiguar pelas palavras do documento, houve uma sondagem quanto ao nome indicado, feita pelo chefe do gabinete do Secretário de Cultura, Esportes e Turismo de São Paulo, a Vinício Stein. Este afirma que esteve em Ourinhos pessoalmente e que conhecia o candidato e que o aprovava, por conta da manifestação do interesse que este professor havia demonstrado com relação ao museu, ao qual se dedicava em suas horas vagas.

O professor indicado tem colaborado com o Museu em suas horas vagas, afeiçoou-se a este tipo de trabalho e reúne condições para um excelente desempenho do encargo museológico, tanto na pesquisa para enriquecimento do acervo, como no aproveitamento do material já coletado por parte da classe estudantil de Ourinhos e da região.⁶⁰

Desta forma, em relatório das atividades realizadas durante o ano de 1974, o professor Pedro Benjamin relata que passou a trabalhar no museu a partir de agosto de 1974 e que a antiga funcionária se encontrava afastada desde maio daquele ano. Desta forma, o novo encarregado desconhecia as atividades exercidas até então, pois a mesma continuou em licença-saúde e continuará, como veremos mais adiante, até pelo menos agosto de 1975, quando não é mais citada nos documentos concernentes ao museu.

Dentre as atividades realizadas no 2º. Semestre de 1974 ele enfatiza as seguintes:

1. Reorganização na disposição dos mostruários do Museu;
2. Campanha junto aos escolares para visitação;
3. Intercâmbio com a Faculdade de Ciências e Letras de Ourinhos;
4. Divulgação de estudos e promoção de pesquisas, com alunos da Faculdade de Ciências e Letras de Ourinhos, sobre o “Impressionismo”, por ocasião do seu centenário;
5. Contactos com a Prefeitura Municipal para assistência material ao Museu;
6. Contactos com a seção de Orientação Técnica em São Paulo⁶¹

É apenas sob a gestão deste professor que observamos uma preocupação em documentar as atividades do museu e um planejamento das que deveriam ser empreendidas, dando-nos uma idéia mais clara do que ali se realizava. Assim, em documento encaminhado à Secretaria de Cultura, Esportes e Turismo na seção de Serviço de Museus Históricos, o professor Pedro elabora seu segundo relatório das atividades dos dois bimestres de 1975, destacando:

1. manutenção e organização do acervo existente;
2. tombamento de novos espécimes ofertados;
3. divulgação do Museu entre os escolares;
4. entendimentos com o Departamento do Curso de Desenho e artes Plásticas da Faculdade de Ciências e Letras de Ourinhos com vista a intercâmbio de atividades e promoção de exposições de trabalhos artísticos (pinturas, esculturas, moldagens, fotografias etc.), bem como realização de uma “Feira Regional de Artes Plásticas”; tais entendimentos estão em andamento, faltando acertar os últimos detalhes;
5. elaboração do regulamento para promoção de uma campanha, em forma de concurso, a fim de obter doações de novos espécimes, com participação atuante dos escolares de todos os níveis.[...] ⁶²

O documento ressalta ainda que o museu estaria funcionando regularmente, com visitas de estudantes e dos munícipes, apesar do acervo ainda ser muito pobre.

Quanto aos funcionários que estavam alocados no museu, o que podemos perceber é que apenas o professor Pedro trabalhava de fato nesta instituição. No

detalhamento do relatório de atividades de 1975 ele ressalta que a Profa. Amália Gama Garcia estaria afastada do museu por conta de sucessivas licenças que ocorriam desde março de 1974. Ressalta ainda que apesar de lotada no grupo escolar de Salto Grande, cidade vizinha à Ourinhos, ela estava residindo em São Paulo. Havia ainda um servente, o Sr. Benedito Antunes, que seria servidor do quadro especial da FEPASA. Tal funcionário também vivia ausente, com inúmeras faltas justificadas (licença saúde) e injustificadas. O encarregado do museu observa ainda, que os seus serviços seriam dispensáveis, já que o museu contava também com o auxílio de um servente da prefeitura municipal que cuidava da Biblioteca Municipal e da Inspeção de Educação Física, instituições que eram lotadas no mesmo prédio do museu.⁶³ Através deste documento podemos perceber as dificuldades cotidianas que o diretor do MHPO enfrentava para administrar esta instituição.

No intuito de conseguir a adesão da comunidade e de levantarem dados e documentos sobre a história do município, o professor Benjamin lançou a idéia de um concurso nas escolas. A iniciativa contou com grande divulgação entre os escolares, através de panfletos, jornais e da rádio local, e se estendeu até o dia 15 de dezembro de 1975. Tal concurso acabou sendo um excelente meio de divulgação do museu, ao menos é o que nos dizem os documentos inseridos no relatório das atividades do bimestre setembro/outubro de 1975, elaborados pelo Prof. Pedro Benjamin Vieira.⁶⁴

Em ofício de 1976, o encarregado Pedro Benjamin Vieira, elenca algumas atividades do museu relacionadas à “Semana da Pátria” e também sobre a promoção de um concurso sobre a Independência do Brasil que teria tido a adesão de vários estabelecimentos escolares do município, além de uma exposição de fotografias cujo tema era “Ourinhos Antiga” e uma palestra proferida pelo Dr. Luiz Carlos Simione, advogado e professor de Piraju. Este documento denota ainda a preocupação do professor Pedro com relação ao não recebimento de salário e sobre a prorrogação de sua nomeação como encarregado do museu.⁶⁵ Esta reclamação, aliada ao fato de que este foi o último documento que conseguimos obter com relação ao primeiro museu, já denota as dificuldades por que passava a instituição, que pouco tempo depois teria suas atividades encerradas.

Entre a primeira inauguração do museu (1971) e a segunda (1993), observamos um movimento da sociedade que reflete certa preocupação com o patrimônio histórico e cultural do município. É o que podemos observar em alguns documentos da prefeitura, como o datado de 07 de janeiro de 1988, que relata a /

Reunião de Agentes Culturais do Município, que contou com grupos e pessoas ligadas ao movimento cultural do município.

Durante aproximadamente 4 horas, 25 pessoas entre grupos culturais de músicos, artistas plásticos, professores e diretores de educação e cultura, bibliotecário, representantes de associações recreativas e grupos teatrais, estiveram reunidos na sede da Secretaria, para discutir um tema complexo que é o plano de Ação Cultural para o corrente ano, através do qual a Secretaria irá direcionar o seu trabalho, estabelecendo as prioridades e investimentos a serem feitos neste setor.⁶⁶

Após intenso debate, os participantes propuseram ações concretas para a área de cultura, tais como a implantação do carro-biblioteca, cursos de extensão, oficinas de arte, promoção de eventos culturais, projeto Banda Escola, projetos de recreação (como o Viva a Música, Revivendo o Folclore e o Dia dos Mascarados). A ação que mais nos interessa aqui, no entanto, é a proposta de reativação do extinto Museu Histórico e Pedagógico “Antônio Carlos de Abreu Sodré”, o que demonstra, que ao menos em parte, a semente plantada por Stein, havia germinado entre alguns cidadãos.

Cinco anos antes, ainda na gestão do prefeito municipal Esperidião Cury, há um esforço do Conselho de Educação e Cultura através da indicação do vereador Múcio Correia da Silva, em dinamizar o funcionamento do museu através da criação de um Conselho Diretor do Museu Histórico e Pedagógico de Ourinhos. Este documento nos indica alguns pontos importantes: primeiro, que o MHPO, em 1983, ainda não tinha encerrado suas atividades, mas estava em vias disso ocorrer, pois, como ressaltamos acima, a última documentação oficial que encontramos sobre a entidade data de 1976, o que denota o “estrangulamento” administrativo da mesma. Além disso, este documento indica o intuito em mobilizar a comunidade através de pessoas ligadas às áreas de História, Pedagogia e Memória. Dentre os possíveis nomes para a composição deste conselho encabeçados pelo Prof. Norival Vieira da Silva, estariam: Prof. Domingos Perino Neto, jornalista Salvador Fernandes, Profa. Emilia Dupas Pinheiro, Hélio Mano, Paulo Alves, José Martins, Hermínio V. de Menezes, Bráulio Ramos, Yara Machado Branco Ramos, Terezinha M. Leite, Diva Rossito Vieira, Maria Tereza L. Gini, Dermeval Ferreira da Silva, Luiz Cordoni, Selma Abucham da Silva e Carmem Oliveira Dias. A requisição propõe também a designação

de um servidor público para prestar serviços junto ao museu.⁶⁷ Mais uma vez percebemos pela última sugestão, que ainda não havia sido solucionado o problema da falta de funcionários na instituição.

Apesar destas ações, de certa forma isoladas, que buscavam reativar ou dinamizar o MHPO, este acabou encerrando suas atividades. Sua reinauguração, em setembro de 1993, indica a nova fase dos MHP, o da municipalização destas instituições. O novo museu foi inaugurado em setembro de 1993 pelo prefeito Claury Santos Alves da Silva e foi instalado provisoriamente junto à Biblioteca Ramal, na Praça Prefeito Benício do Espírito Santo, na Vila Margarida.

Ele foi formado, segundo informa jornal do município⁶⁸ e também a Secretária da Cultura de Ourinhos, Neusa Fleury, a partir das peças que foram redescobertas em fevereiro, e que faziam parte do acervo do extinto Museu “Antônio Carlos de Abreu Sodré”. Segundo relato de Fleury, isto ocorreu de forma acidental, quando ela foi procurar objetos e material para a decoração das festividades carnavalescas deparou-se com várias caixas lacradas e empoeiradas. Ao abri-las para averiguar o que elas continham, se deparou com inúmeras fotografias e objetos antigos, o que a levou a concluir que estes documentos e peças deveriam compor o acervo do museu extinto. Voltando ao artigo de jornal, este afirma ainda que esta reinauguração seria uma resposta a reivindicações dos ourinhenses “que sonhavam em ter novamente em funcionamento o Museu da cidade”. Segundo consta neste mesmo texto, o museu teria iniciado neste período uma campanha para angariar objetos e documentos concernentes à história do município, buscando novamente o envolvimento dos munícipes na instituição e tentando enriquecer o acervo, que se antes já era considerado “pobre”, agora estava ainda mais desfalcado, pois nem todos os objetos e documentos foram encontrados nas caixas. Isto é evidenciado não apenas na fala de inúmeros moradores antigos que doaram objetos e documentos para o primeiro museu e com os quais tivemos a oportunidade de entrevistar⁶⁹, mas é também reafirmado em um artigo de jornal do período: “Confrontando o que colocamos à visitação pública, com as listas de objetos que pertenciam antigamente ao Museu, percebemos que grande parte do acervo sumiu”.⁷⁰

Apesar do novo museu ter sido inaugurado em 1993, o decreto de criação é publicado oficialmente apenas em 08 de fevereiro de 1995 com o nome de “Museu Histórico e Pedagógico da Cidade de Ourinhos”. Seu decreto de criação prevê inúmeros objetivos e atividades. Sua implementação estava prevista para se dar em etapas, sendo que a primeira ocorreria entre 1993 até julho de 1996, período em que o

acervo deveria ser todo “catalogado e classificado, e feitas campanhas para angariar peças para seu enriquecimento. Nesta fase, o Museu Histórico e Pedagógico de Ourinhos deverá fazer contato com outras entidades do gênero para troca de experiências e informações técnicas.”⁷¹

Na segunda fase, que se daria a partir de agosto de 1996, o museu deveria estar instalado em sua sede definitiva. Em 28 de abril de 1995 é encaminhado à Câmara Municipal de Ourinhos, através do Prefeito, o Sr. Claury Santos Alves da Silva, o Projeto de Lei para a criação do museu. Em 05 de junho de 1995 é aprovada a Lei Municipal no. 3.845 (sancionada no dia 09 de junho do mesmo ano) que cria o Museu Histórico e Pedagógico de Ourinhos, que teria como principal objetivo o registro, a preservação e a divulgação das transformações ocorridas na cidade de Ourinhos desde sua fundação.

É possível perceber que as etapas de implementação do museu foram respeitadas, pois, artigos de jornal nos mostram a preocupação na primeira fase, entre os anos de 1993 e 1996, em divulgar o museu e angariar novas peças e documentos para seu acervo. Para isto, o Departamento de Cultura divulga notícias sobre exposições, seus temas, o grande número de visitas às mesmas (principalmente a que tinha como tema os pioneiros) e a necessidade de aumentar o acervo da instituição.⁷² Além de uma mostra itinerante com jornais antigos e peças de uso doméstico do início do século⁷³, os artigos difundem outras exposições como a filatélica, a de “casais e casamentos”, uma exposição fotográfica abordando aspectos da urbanização de Ourinhos, e finalmente, uma sobre a cultura indígena. Podemos perceber assim, que o museu “renasce” com grande expectativa e dinamismo. Este período, em que esteve instalado junto com a Biblioteca “Clarice Lispector”, na Vila Margarida, é considerada portanto, como sendo a primeira fase de sua reinauguração.

A segunda fase, com as instalações no prédio da ferrovia, foi feita em convênio entre a Prefeitura e a Fepasa. Segundo matéria do Jornal da Divisa de 31 de outubro de 1996, o Departamento de Cultura teria feito também um convênio com a Unesp com o intuito de que a universidade auxiliasse na “preservação da memória da cidade e a montagem dessa estrutura”.⁷⁴ Isto ocorrerá três anos depois, em 31 de outubro de 1996, quando o museu muda-se para o antigo prédio da Fepasa, onde era o antigo Terminal de Cargas da Estação Ferroviária, situado no Centro de Convivência “Benedicto da Silva Eloy”, mais especificamente na Praça Henrique Tocalino S/N, no centro da cidade, sob a direção de Carlos Eduardo G. Guimarães.

Para alocar o acervo do museu, o prédio passou por uma reforma, e segundo prospecto da época, esta se deu “obedecendo a critérios técnicos, mas procurando conservar as características da arquitetura original, proporcionando ao visitante motivação para conhecer a história da cidade e seus formadores, num ambiente histórico e familiar, ‘ Uma viagem no tempo’”.⁷⁵ Apesar de tal afirmação, acreditamos que foi nesta intervenção que ocorreu a troca das portas do edifício, que anteriormente eram de madeira ,e passam a ser de vidro blindex (como já citamos acima). As antigas portas permitiam um ambiente de sensação climática agradável e, após a troca além da modificação da fachada do edifício tivemos uma alteração de temperatura no interior do mesmo, que ficou extremamente quente e abafado. Se olharmos atentamente para fotos de décadas anteriores, da primeira estação ou do edifício de cargas, podemos vislumbrar que o telhado se prolongava até o final da plataforma. Não sabemos ao certo quando este foi retirado, mas numa foto de 1995, quando funcionava ali o varejão da cidade, tal proteção já não existia. A falta da mesma, aliada às portas de vidro trouxeram um grande problema quanto à conservação do acervo que se encontrava no interior do edifício. Isto porque, o sol sem encontrar a barreira do telhado ou das antigas portas de madeira juntamente com as chuvas fortes que muitas vezes desabam sobre o município, acabaram propiciando um ambiente extremamente nocivo para a conservação das peças, além de tornar o ambiente pouco agradável ao público e principalmente aos servidores que ficavam e ainda permanecem no local.

Algumas questões sobre o MHPO

Após sua reinauguração em 1993 e sua mudança para o novo endereço, restaurado e com benfeitorias nas construções próximas à sua sede, em 1996, o museu sofre um novo revés. Em fevereiro de 2002 ele é fechado para visitação pública com o intuito de reavaliar o acervo e de reformular o visual do espaço que o abrigava. Essa iniciativa foi tomada após a constatação de que muitas peças recebidas como doações não possuíam nenhum valor museológico e estavam transformando o museu num verdadeiro depósito de objetos descartados pela população e pelo poder local.⁷⁶

Quando conheci o museu, em 2003, momento em foi reaberto, ele já se encontrava em condições precárias quanto à conservação de documentos, administração e organização do acervo, e a disponibilização e exposição dos objetos não obedecia a nenhum critério técnico. Na época ele funcionava na casa de no. 5

com parte do acervo, o restante estava entulhado no prédio da estação onde ficava a sede do museu. Parte destes objetos ficavam depositados no que consistia na época em reserva técnica, uma pequena sala com tamanho obviamente insuficiente para abrigar a reserva e com condições precárias, pois a umidade era de grandes proporções já que a parede de madeira possuía frestas, permitindo a entrada de água da chuva, de poeira e fuligem. O restante era disposto de qualquer maneira dentro do interior do barracão, que como já dissemos anteriormente, apesar de estar em boas condições tem problemas com relação à iluminação solar e a entrada de chuva em seu interior, através dos vãos das portas de vidro o que provocou a degradação de alguns objetos e fotos. Apesar disso, consegui muitas informações sobre a história do município através principalmente da coleção do jornal *A Voz do Povo*. Recebi um excelente atendimento através do funcionário Isaías e do estagiário, Danilo, que foram muito atenciosos e me auxiliaram bastante em minha pesquisa. Percebi também que periodicamente havia uma pequena exposição, sempre por conta da iniciativa do único funcionário do museu na época.

Durante o período de 2003 a 2006, a sede do museu mudou inúmeras vezes e seu acervo foi deslocado em todas elas. As mudanças sempre ocorriam entre as casas 5, 3 e 2. Seu funcionamento também era irregular, pois muitas vezes os funcionários eram deslocados para trabalhar em eventos ou em outros locais. Em 2005, a Unesp chegou a iniciar uma parceria, que acabou sendo interrompida por conta de solicitação do secretário da cultura na época, o Sr. Márcio Castellani.

Quando demos início ao projeto “Nos Trilhos da Memória e a Memória dos Trilhos: Expansão e Revitalização do Museu Histórico de Ourinhos”, financiado pela FAPESP/VITAE, o museu estava fechado para visitação e todo o acervo tridimensional estava acondicionado no antigo depósito de cargas, onde funcionou o museu inaugurado em 1993. Havia dois livros tombos: o primeiro do museu e o elaborado pelo então diretor do museu. Este último foi confeccionado sem nenhum tipo de critério técnico e sem informações sobre o objeto ou documento. Assim deparamos com o registro de centenas de fotografias sem nenhuma referência ao tema ou descrição. Obviamente este livro foi descartado e passamos a trabalhar com o outro livro tombo.

Outro problema foi o desaparecimento de quase todas as fichas catalográficas, conseguimos encontrar apenas quatro delas, o que exigirá da administração do museu a organização de uma equipe que conduza uma pesquisa histórica sobre as peças do acervo.

Todos os problemas encontrados na instituição, desde a sua fundação até os dias atuais provêm, sob a nossa óptica, de alguns pontos cruciais:

- 1º) O fato de não existir um Plano Diretor do Museu, onde se explicita a missão, os objetivos do museu, a equipe necessária ao seu bom funcionamento, ou um planejamento de suas ações
- 2º) Outro problema é a falta de uma estrutura administrativa e de um plano de gestão. Não existe hoje um quadro de funcionários fixos na instituição, e o único funcionário às vezes é requisitado para outros serviços e provém, na verdade, de outra repartição da prefeitura. Há atualmente uma agente cultural que está alocada na instituição, e apesar de extremamente dinâmica e estudiosa de assuntos concernentes à museologia e acervos, tal cargo não está previsto no regimento da entidade, o que deixa a instituição ao sabor do resultado das eleições municipais e dependente de questões políticas locais. Para se ter uma visão clara deste panorama, é preciso ressaltar que existem hoje, dois cargos de chefia do MHPO: o gerente do museu e o diretor de patrimônio e documentação, ambos escolhidos pelo secretário da cultura devido à sua confiança e amizade (e muitas vezes este é obrigado a conceder estes cargos para indicados e aliados de vereadores) e não pela competência ou envolvimento com o museu. Atualmente, um destes cargos, o de diretor de patrimônio, não está alocado dentro da instituição. Desta forma, hoje o museu está funcionando com um técnico administrativo, uma agente cultural, um gerente e um estagiário. O que mais nos preocupa, portanto, quanto a esta questão é a contratação de mais funcionários e que a gerência do museu seja ocupada com alguns critérios. Isto para não correremos o risco de que em outras gestões este cargo seja ocupado por alguém sem comprometimento ou que desconheça completamente o funcionamento de um museu. Este tipo de ação deve ser feita para evitar que sejam descartados documentos importantes, pois temos relatos de que em outros momentos, fotos foram rasgadas sem nenhum tipo de critério e suspeitamos que as fichas catalográficas tiveram o mesmo fim. Ou pior, que peças e documentos do acervo desapareçam por conta da falta de controle no ato do empréstimo ou simplesmente, ocorra, como na história desta instituição, ocorra a apropriação indevida de peças do acervo. Aliás, este fato ainda hoje

assombra o museu, pois os membros da comunidade têm receio de doar objetos e documentos para o museu, prevendo que estes possam ter o mesmo fim.

- 3º) É imprescindível a criação da Associação de Amigos do Museu, como meio para obtenção de recursos de sustentação da instituição e também como forma de fiscalizar e administrar a instituição para que esta seja bem gerida. Esta também teria como papel, dialogar mais intimamente com a comunidade local, devolvendo a credibilidade e demonstrando a relevância do MHPO na preservação da memória e da história do município e região.
- 4º) É necessário que esta instituição se insira dentro do conceito da “nova museologia”, que propõe um novo modelo para os museus, com o intuito de integrar patrimônio cultural e sociedade, estas instituições buscam estimular o público, fazendo com que este se torne agente em ações concernentes a preservação e comunicação patrimonial, processo este acima de tudo educacional, exatamente por ser transformador.⁷⁷ Tal proposta reflete uma preocupação com a “crise dos museus” evidenciada não apenas com novas propostas, mas também com documentos elaborados em congressos e reuniões internacionais, tais como a Declaração de Santiago do Chile que propõe o Museu Integral; as Declarações de Quebec e Oaxaca onde é reafirmada a idéia “de museu e patrimônio como um instrumento a serviço do desenvolvimento do homem e da sociedade, conforme proposto na Declaração de Santiago do Chile, em 1972”⁷⁸ e a Declaração de Caracas, onde o museu estimula a participação do público na “construção e reconstrução permanente dos processos culturais”⁷⁹. Todos estes documentos entendem os museus como espaços dialógicos.

De posse destas informações, reflexões e vivência é quase impossível não refletirmos sobre o filme “Uma Noite no Museu”. Tal filme retrata um museu em crise, o Museu de História Natural de Nova York, com pouca visitação, mas com um acervo de grande valor histórico. É possível vislumbrar numa de suas principais salas o esqueleto de um dinossauro, bonecos de cera retratando desde cenas da história americana, o bando liderado por Átila, o Huno até um grupo de “homens das cavernas” tentando criar o fogo. Maquetes recontam episódios da história mundial, passando pelas tropas romanas e chegando à Guerra Civil Americana. Todo este

cenário e acervo são, no entanto, muito pouco explorados pela população local. No entanto, isto muda rapidamente quando notícias sobre pegadas de dinossauro são vislumbradas na neve e quando a TV registra a presença de um “homem das cavernas” correndo pelas ruas. Neste filme, o museu, inerte durante o dia, tomava vida à noite (fato que passou a ocorrer após a aquisição de uma peça egípcia nos anos 50). Vê-se o novo segurança em apuros com a perseguição de leões, mamutes, tigres, hunos, soldados, miniaturas lutando entre si, dentre outras cenas onde a história se mescla e se funde dentro do mesmo espaço.

O filme chama a atenção para o fato de que a população somente passa a visitar o museu após suspeitas a respeito do que ocorreria à noite com seu acervo.

Tal questão é levantada de outra forma por Heloisa Helena Fernandes Gonçalves da Costa em sua tese intitulada *Museus de História de Cidades e sua contribuição ao desenvolvimento social contemporâneo*. Se os museus são os guardiães da História, e esta em geral é alvo de grande curiosidade e interesse do público em geral, a questão que a pesquisadora se fez é:” por que o público não frequenta museus? O que será que torna essa visita enfadonha, cansativa e até mesmo rejeitada, tanto por um público leigo quanto por pessoas com bom nível de escolaridade, que, a princípio supõe-se terem estudado História e adquirido uma compreensão do valor desse estudo para sua vida cotidiana?”⁸⁰

Para responder a essa questão Heloísa elaborou algumas questões para um amplo grupo formador de opinião, desde amigos de museus, visitantes, professores universitários, funcionários de museus, até funcionários do governo envolvidos diretamente com a formulação de políticas públicas voltadas para educação e cultura. Sua amostragem teve como foco museus de Quebec e de Salvador. As respostas que obteve são bem interessantes, pois de certa forma algumas delas são similares as que obtemos quando indagamos para a população ourinhense em geral sobre a sua visão de museu.

Em geral, o público parece se intimidar ou se entediar com as exposições, pois muitos não compreendem ou acham muito extensas as informações que descrevem ou explicam os objetos expostos; “a extrema horizontalidade das salas de exposição, quer seja na composição museográfica, quer seja no discurso; a quase nenhuma interatividade; [...] a permanência de exposições de longa duração sem que haja uma possibilidade de se promover atrações expositivas em espaços de tempo mais curtos; a quase sempre constante ausência de possibilidade de diálogo entre o público e os

museólogos organizadores de atividades nos museus, fazendo com que, em geral, os museus pareçam espaços frios, pouco aconchegantes e sem emoção”.⁸¹

No caso específico do Museu de Ourinhos, percebemos outros problemas além destes, principalmente com relação a pessoas com certa vinculação histórica com a instituição. Aliás, estes problemas são apontados nos trabalhos já citados de Simona Misan e Elísio Zanotti sobre os museus histórico e pedagógicos do estado de São Paulo. *À priori*, estes museus locais, como ressalta Zanotti, seriam criados a partir de anseios individuais relacionados à história e ao colecionismo e posteriormente estes indivíduos, unidos e ansiando partilhar das emoções buscariam meios de socializar e expressar estes objetos e sua história. Foi desta forma, por exemplo, que foi criado a primeira casa museu do Estado de São Paulo: a Casa Euclidiana de São José do Rio Pardo.

Desde 1912 um crescente número de amigos e admiradores de Euclides da Cunha, moradores de São José do Rio Pardo, cultuam a memória do escritor participando das festividades que se iniciaram com a primeira romaria em sua homenagem realizada naquele ano no dia 15 de Agosto. A primeira romaria consistiu numa visita ao lugar que mais evocava a presença de Euclides na cidade: a cabana onde ele concebeu as páginas de *Os Sertões*. Foi essa cabana que o engenheiro Euclides da Cunha utilizava como abrigo para vistoriar as obras de reconstrução da ponte metálica sobre o rio Pardo. Com o passar dos anos, a romaria converteu-se em momento de estudo da vida e obra do escritor e patriota considerado vulto exemplar de consciência cívica.⁸²

Este movimento e dinamismo da população local com relação a esta instituição e as atividades culturais que ela promove permanecem ativos até hoje. Mas, se este é um exemplo positivo, de outro lado se observa que grande parte destas instituições hoje foram municipalizadas e se encontram com seu acervo desorganizado e sem nenhuma orientação museológica, ou museográfica. Além disso, estes museus não contam com um quadro de funcionários fixos, o que dificulta a capacitação técnica e especializada que possa lidar com a rotina que uma instituição deste gênero necessita. Parte deste quadro é o que vimos e apontamos quanto ao MHPO, e são típicos de grande parte destas instituições, apesar da responsabilidade que estas devem ter quanto a preservação do patrimônio histórico e cultural. Mas, o fator mais positivo dentro de nossa avaliação , é que o museu sempre foi e ainda é uma

preocupação de parte da comunidade. Isto é visível nos inúmeros jornais pesquisados e no grande número de visitantes que foram registrados nos livros.⁸³ Cremos que o que falta é organizar e direcionar este sentimento para que se dê a profissionalização desta instituição.

Recebido para publicação em maio de 2009.
Aprovado para publicação em maio de 2009.

Notas

- ¹ A elaboração deste texto é fruto de algumas reflexões feitas durante a primeira fase do projeto de políticas públicas intitulado “*Nos trilhos da Memória e a Memória dos Trilhos: Expansão e Revitalização do Museu Histórico de Ourinhos*”, coordenado pela Profa. Dra. Maria Inez Machado Borges Pinto e financiado pela FAPESP/VITAE. Tal projeto contou com a parceria entre USP/UNESP, Museu Histórico e Pedagógico de Ourinhos e Secretaria da Cultura do Município de Ourinhos. Também obteve o apoio e consultoria do CEDAP através da Profa. Dra. Zélia Lopes e da historiógrafa Marlene Gasque; do Museu Paulista, através de Yara Lígia Mello Moreita Petrella e Sônia Maria Spigolon,; da Library Services e ABER (Associação Brasileira de Encadernação e Restauro) através de Norma Cianflone Cassares; do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP através da Profa. Dra. Marília Xavier Cury; da museóloga e especialista em reserva técnica e organização de acervos Heloísa Maria Pinheiro de Abreu Meirelles e da arquiteta Kátia Huertas, na elaboração do projeto expográfico.
- ² Sistema Brasileiro de Museus inserido no Site o Ministério da Cultura. Disponível em: http://www.museus.gov.br/oqueemuseu_apresentacao.htm. Acessado em 25 de março de 2009.
- ³ CURY, Marília Xavier. Museologia- marcos referenciais. IN: *Cadernos do CEOM*. Ano 18, no. 21. Chapecó: Argos, 2005.p.63.
- ⁴ É desta forma que Elisio Zanotti designa os antigos e atuais Museus Histórico e Pedagógicos criados pelo governo estadual entre os anos de 1956 e 1973.
- ⁵ MISAN, Simona. *A Implantação dos Museus Históricos e Pedagógicos do Estado de São Paulo (1956 - 1973)*. Tese de Doutorado, USP/FFLCH, São Paulo, 2005.
- ⁶ CAMPOS, Vinício Stein. *Museus e Monumentos Históricos de São Paulo*. SP: Secretaria de Estado dos Negócios da Educação, 1960. p.61. Apud, MISAN, Simona. Os Museus Histórico e Pedagógicos do Estado de São Paulo. IN: *Anais do Museu Paulista*. S.P. N.Ser.v. 16. n.2. Jul-Dez de 2008. p..176.
- ⁷ MISAN, Simona, idem, p.176.
- ⁸ Idem, p.177.
- ⁹ Decreto lei no. 52.034, de 12 de junho de 1969. IN: Acervo do MHPO, pasta Museu.
- ¹⁰ Misan, op., cit., p. 185.
- ¹¹ Nossa dúvida com relação à data se deve pelo fato de não termos encontrado durante nossa pesquisa nenhuma documentação oficial referente ao encerramento das atividades desta instituição, no entanto, ao investigarmos o museu no principal jornal local do período, O Progresso, as notícias sobre esta instituição deixam de ocorrer a partir do ano de 1977. Isto nos leva a crer que suas atividades nesta época já estariam bem precárias ou encerradas.

-
- ¹² ZANOTTI, Elisio. *O Museu Local* . http://www.coresprimarias.com.br/ed_10/museu_local_p.php Acesso 30 de julho de 2007. VI Semana de Museus Da USP.
- ¹³ Idem.
- ¹⁴ ZANOTTI, Elisio. *O Museu Local* . http://www.coresprimarias.com.br/ed_10/museu_local_p.php Acesso 30 de julho de 2007. VI Semana de Museus Da USP.
- ¹⁵ Idem.
- ¹⁶ A primeira Estação Ferroviária e o depósito de cargas e mercadorias transformados em varejão. Foto de Luiz Carlos Seixas, 1995. Acervo Neusa Fleury.
- ¹⁷ Foto obtida através do acervo do Prof. Norival Vieira da Silva e do Museu Histórico e Pedagógico de Ourinhos.
- ¹⁸ Apesar de indicar o período como sendo 1950, acreditamos que esta foto seja anterior.
- ¹⁹ Foto Fábio Vasconcellos de 2002.
- ²⁰ *O Estado de S. Paulo*, 26/07/1997.
- ²¹ Projeto arquitetônico e artístico, de remodelação e resgate histórico, pela Prefeitura Municipal de Ourinhos, de seu lanchódromo com nova denominação: "estação da alimentação".
- ²² Foto de Luiz Carlos Seixas. Acervo de Neusa Fleury. 2001.
- ²³ Foto de Luiz Carlos Seixas. Acervo de Neusa Fleury. Março de 2001.
- ²⁴ Foto de Luiz Carlos Seixas. Acervo de Neusa Fleury, 1995.
- ²⁵ Foto de Luiz Carlos Seixas, 2001. Acervo Neusa Fleury.
- ²⁶ Foto de Fabiana Lopes da Cunha, julho de 2007.
- ²⁷ Legislação do Estado de São Paulo, p.303.
- ²⁸ Lei o. 3.845 de 09 de junho de 1995. Prefeitura Municipal de Ourinhos. IN: Acervo MHPO, pasta Museu.
- ²⁹ Conforme documento de resposta do Conselho Estadual de Cultura de 2 de outubro de 1969 encaminhado pelo chefe do gabinete Walter Lobo ao Prefeito Mithuo Minami. Secretaria de Cultura, Esportes e Turismo de Ourinhos.
- ³⁰ *Diário Oficial* de 20 de fevereiro de 1971.
- ³¹ Idem.
- ³² Relato oral de Norival Vieira da Silva, 31 de julho de 2007.
- ³³ Informação retirada de documento do MHPO. Pasta Museu.
- ³⁴ *D.O.* de 05 de fevereiro de 1971.
- ³⁵ Misan, op., cit., p. 197.
- ³⁶ Sobre os migrantes japoneses e a história de Ourinhos, ver MORAES, Neusa Fleury & GOMES, Marco Aurélio (Coord). *Um Olhar sobre a Presença Japonesa em Ourinhos*. Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de Ourinhos, 2008 e MELCHIOR, Lirian. *Redes sociais e migrações laborais: múltiplas territorialidades*. A constituição da rede nipo-brasileira em Ourinhos (SP) e no Japão, Tese de Doutorado, Unesp/PP, 2008.
- ³⁷ Processo nº. 20 009-1970. São Paulo, 16 de outubro de 1970. Este documento contém a lista do que foi pedido e os valores referentes aos materiais.
- ³⁸ Ofício de Vinício Stein , 25 de fevereiro de 1971.

- ³⁹ Este é o caso, por exemplo, do ofício encaminhado por Vinício Stein Campos para a Profa. Amália Gama Garcia. São Paulo, 25 de fevereiro de 1971.
- ⁴⁰ D.O. de 04 de março de 1971.
- ⁴¹ *O Progresso*, Ourinhos, 24 de agosto de 1969.
- ⁴² Segundo *O Progresso*, a gincana marca a instalação do museu na cidade. *O Progresso*, Ourinhos, 14 de setembro de 1969.
- ⁴³ Documento de Amália Gama Garcia para Vinício Stein Campos. Ourinhos, 29 de novembro de 1971.
- ⁴⁴ Misan, op., cit., p. 198.
- ⁴⁵ Idem.
- ⁴⁶ Idem, p. 199.
- ⁴⁷ D.O. 31 de agosto de 1972.
- ⁴⁸ “Cultura está apenas na lei”. *O Progresso*, 19 de setembro de 1972.
- ⁴⁹ Indicações, no. 951 de 1972.
- ⁵⁰ Circular nº.I referente ao Museu Histórico e Pedagógico “Antônio Carlos de Abreu Sodré” de Ourinhos, emitida por Vinício Stein, São Paulo, 24 de novembro de 1972.
- ⁵¹ Ibid, fls.2.
- ⁵² Ibid, fls. 2.
- ⁵³ Ibid. , fls. 3.
- ⁵⁴ Carta de Vinício Stein a Amália Garcia. São Paulo, 21 de novembro de 1972.
- ⁵⁵ Ofício no. 65/73-SMH de 7 de março de 1973 escrito por Yolanda Baroudi , técnica de Museus.
- ⁵⁶ Ofício 107/73-SMH, encaminhado ao prefeito municipal Professor Rubens Bortolucci da Silva por Vinício Stein Campos. 31 de julho de 1973.
- ⁵⁷ Ofício no. 109-SMH/1973. São Paulo, 31 de julho de 1973.
- ⁵⁸ ofício no. 045/73. Ourinhos, 20 de agosto de 1973.
- ⁵⁹ São Paulo, 6 de agosto de 1973. De Vinício Stein Campos.
- ⁶⁰ Documento elaborado por Vinício Stein Campos. São Paulo, 1º. de março de 1974.
- ⁶¹ Documento encaminhado por Pedro Benjamin Vieira. Ourinhos, 26 de fevereiro de 1975.
- ⁶² Relatório das atividades/75. Ourinhos, 5 de maio de 1975.
- ⁶³ Relatório das atividades do bimestre maio/junho de 1975. Ourinhos, 10 de julho de 1975.
- ⁶⁴ *Jornal da Divisa*, Ourinhos, 15 de outubro de 1975 e *O Progresso*, Ourinhos, 21 de setembro de 1975.
- ⁶⁵ Of. MHP- 36/76. Ourinhos, 8 de setembro de 1976.
- ⁶⁶ Documento da Secretaria Municipal de Educação, Esportes e Cultura de Ourinhos, vistado pela Secretaria Municipal da Administração em 15 de março de 1988.
- ⁶⁷ Documento enviado por Adelheid Maria Chiaradia para o Conselho Municipal de Educação e Cultura. Ourinhos, 06 de maio de 1983.
- ⁶⁸ O recorte de jornal não possui referências a data ou ao nome do periódico.
- ⁶⁹ Professor Norival Vieira da Silva, Domingos Perino, Jairo Diniz.

⁷⁰ O documento não aponta o título do jornal nem a data.

⁷¹ Decreto no. 4.204 de 08 de fevereiro de 1995. Prefeitura Municipal de Ourinhos.

⁷² *Jornal da Divisa*, 29 de dezembro de 1993.

⁷³ *Jornal da Divisa*, Ourinhos, 4/5 de fevereiro de 1995.

⁷⁴ *Jornal da Divisa*, Ourinhos, 31 de outubro de 1996.

⁷⁵ Texto de folder do período sobre o Museu Histórico e Pedagógico de Ourinhos.

⁷⁶ Órgão informativo do Departamento de Cultura da Prefeitura Municipal de Ourinhos, no. 6-04/2002.

⁷⁷ CURY, Marília Xavier. Museologia- marcos referenciais. IN: *Cadernos do CEOM*- ano 18, no. 21.p.63.

⁷⁸ Ibid., op., cit., p.62.

⁷⁹ Ibid., op., cit., p.62.

⁸⁰ COSTA, Heloísa H. F.G. da. Museus, ponte entre gerações. IN: *Revista Museu*. 2005.

⁸¹ Ibid., op., cit.

⁸² Idem.

⁸³ Encontramos apenas dois livros de registro: um que possui assinaturas de 1996 e 1997 e outro de 2005 e 2006.